

CONTEXTOS DIVERSOS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL I

DIFFERENT CONTEXTS IN ELEMENTARY SCHOOL HISTORY TEXTBOOKS

Fernanda Calazans¹

Christian Muleka Mwewa²

Thalita Pereira da Silva³

Resumo:

O presente estudo apresenta algumas reflexões tangenciadas pelo tema do racismo na educação das crianças do ensino fundamental do ciclo inicial a partir dos livros de história. Nosso objetivo é explicitar e analisar as configurações das representações dos não-brancos nos livros didáticos da referida etapa de ensino. A pesquisa se caracteriza como qualitativa documental com a análise de materiais bibliográficos, quais sejam, livros didáticos para o ensino de história no ensino fundamental primeiro ciclo. A seleção dos materiais se deu por meio da temática central do racismo e de como ele se configura na história do Brasil, por isso a escolha dos livros de história figuram com critérios de análise. Para tanto, a interpretação dos resultados foi alicerçada em autores do campo das ciências humanas operamos conceitos que possam nos acompanhar nas nossas análises. Essa investigação se justifica uma vez que os indivíduos são educados através dos livros didáticos. Concluimos, que é preciso empreender um processo formativo através da educação que objetive a emancipação em direção a uma educação que tematize a realidade social de forma proximal com a realidade. Mas, alguns questionamentos ainda persistem enquanto resultados a serem esperados uma vez que são presentes nos ambientes formativos, quais sejam, se os/as professores/as não possuem conhecimento da história e cultura dos negros, como os/as mesmos/as poderiam dar uma aula? como ele/ela poderiam lidar com a questão do racismo quando acontecer em sala de aula? E como ele/ela pode ajudar a romper com este ciclo?

¹ Graduada em Pedagogia, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Membro do Grupo de Pesquisas Formação e Cultura na Sociedade Contemporânea (EduForP)

² Doutor em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010) com estágio doutoral na Université de Paris I Panthéon-Sorbonne (2008); Mestre em Formación de Profesionales de la Formación (Máster Erasmus Mundus, MUNDUSFOR, 2009) pela Universidad de Granada-Es; Universitat Rovira i Virgili-Es e Universidade do Porto-Pt; Mestre em Ciências da Educação (Educação, História e Política) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005); Graduado em Letras Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Professor com dedicação exclusiva (DE) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus Três Lagoas/CPTL/MS). Professor no Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado e DOUTORADO) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/FAED/Campo Grande).

³ Doutoranda em Educação – PPGEduc/FAED. Membro do Grupo de Pesquisas Formação e Cultura na Sociedade Contemporânea – EduForP.

Palavras-chave: Racismo; Livros didáticos; Ensino fundamental I.

Abstract

This study presents some reflections on the theme of racism in the education of elementary school children, based on history textbooks. Our aim is to explain and analyze the configurations of representations of non-white people in textbooks at this stage of education. The research is characterized as qualitative documentary with the analysis of bibliographic materials, namely textbooks for the teaching of history in elementary school. The materials were selected based on the central theme of racism and how it is configured in Brazilian history, which is why the choice of history textbooks was based on analysis criteria. To this end, the interpretation of the results was based on authors from the field of the human sciences, using concepts that could accompany us in our analysis. This investigation is justified since individuals are educated through textbooks. We conclude that it is necessary to undertake a formative process through education that aims at emancipation towards an education that thematizes social reality in a way that is proximal to reality. But some questions still remain as results to be expected since they are present in training environments, namely, if teachers have no knowledge of the history and culture of black people, how could they teach a class? how could he/she deal with the issue of racism when it happens in the classroom? And how can he/she help break this cycle?

Keywords: Racism; Didactic books; Elementary education.

INTRODUÇÃO

A escolha pelo ensino fundamental primeiro ciclo, 1º ano ao 5º ano, nos foi motivada pelo fator de que são os anos onde as crianças começam a ter um desenvolvimento de conhecimento acadêmico/empírico e uma familiarização maior com os livros didáticos, diferente dos anos anteriores. Além de ser idade que elas começam a compreender a complexidade do mundo no qual estamos inseridos. E estes são os últimos anos que abrangem o domínio da formação do pedagogo.

Para ser desenvolvida, a princípio foram analisados os livros didáticos Ápis, que foram utilizados no ensino fundamental I, de 1º ano ao 5º ano, da disciplina de história, visto que a pesquisa busca a compreensão de como é apresentada a trajetória cultural brasileira e como são mostrados valores das culturas negras e indígenas. Dando maior destaque na questão de como é contada a escravização dos povos negros e as questões/tensões étnicas e “raciais”. Cabe ressaltar que, ao contrário de Wandyr Hagge (2020), nós não pretendemos um estudo hermenêutico dos livros de História do ensino fundamental, mas sim analisar pontualmente as representações dos

não-branco e como isso fomenta o racismo diante da precariedade formativa dos/as professores/as.

Foi notável que as autoras tentaram não se aprofundar muito no assunto no livro, perpassando por ele de maneira superficial e quase sempre o deixando para o final, pois têm obrigatoriedade por força de lei a tão somente informar o conteúdo de forma breve e que, quando este for trabalhado por nós professores (as), que o seja de maneira perfunctória, nunca aprofundando tais temas com os alunos, limitando-nos a informar que os negros foram escravos e que foram trazidos ao Brasil pelos navios negreiros.

E ao tentar encontrar outro material didático de outra editora da mesma época para que pudesse ser feita a comparação entre eles, não obtivemos êxito, logo limitamos a ficar apenas com as nossas análises, que foram feitas no primeiro momento.

Além dos livros didáticos, a pesquisa bibliográfica, não se fez dispensável. Usamos de suporte leituras feitas de Theodor Adorno. Tais obras nos trazem uma ideia de emancipação do pensamento crítico e mostram quão difícil é a transformação, transição do sujeito para o sujeito emancipado, com autonomia. As teorias ali apresentadas puderam nos mostrar o motivo pelo qual ainda não foi possível alcançar o respeito e igualdade de tratamento para com os povos negros no Brasil, eles ajudam a compreender que a sociedade ainda se encontra sem autonomia, no sentido que o autor apresenta em sua obra.

Os livros didáticos que foram analisados na intenção de dar fomento para discussão sobre como é e foi apresentada a história negra nos livros do ensino fundamental. Esses foram os livros do primeiro ciclo do ensino fundamental, dos seis aos dez anos, de uma escola pública do município de Andradina.

Neles foram analisadas atividades e propostas de atividades sugeridas no material didático. Na primeira observação, ainda que incipiente, percebemos que nos cinco livros, não há muitas atividades que tratem sobre a cultura e história negra ou atividades que deem abertura ao professor para que possa trabalhar com esse tema. Boa parte da história dos negros só vai ser mostrada no livro do 5º ano, último livro, mostra um pouco da história dos negros apenas em seu final, o que nos fez presumir que em sua maioria não é vista pelos alunos, pois os professores de rede de ensino quase nunca conseguem terminá-lo. Isso pelo fato de haver muitos conteúdos densos anteriormente a este e que o posicionamento das autoras foi no sentido de serem esses mais importante que aquele.

Trabalhamos como uma análise descritiva do material didático que nos foi cedido. Detalhamos e trouxemos recortes dos materiais didáticos para que fossem apresentadas as situações que discutimos mais tarde.

A análise desse material didático de história da Ápis tem alguns filtros para a observação entre eles: foi visto se a lei 11.645/08 foi cumprida no decorrer do conteúdo; como foi apresentado a identidade e cultura negra para as crianças, como os negros foram sendo representados no decorrer desses materiais, por fim os conceitos apresentados de emancipação para Theodor Adorno.

Entendemos que quando educamos as crianças para elas se sirvam do seu próprio entendimento e para que elas tenham conhecimento sobre as questões étnicas e “raciais” e do racismo, ajudamos elas a não reproduzir tais atos que outrora foram realizados. Essas conclusões vão ao encontro da nossa hipótese central anunciada de forma incipiente em outras publicações, qual seja, “...tentar compreender como se dá a formação do professor na área das relações étnicas [e ‘raciais’]. O curso de formação de professores propõe disciplinas que possam trabalhar com essa questão pensando que o graduando irá trabalhar e conviver diariamente com essas questões. Uma vez que habitamos em país racista e também distinto em sua população.” (Carvalho, 2023, p. 39).

CONTEXTUALIZAÇÕES DO MATERIAL ANALISADO

O livro didático Ápis, selecionou mais atividades e textos de apoio que deem mais enfoque a história dos indígenas, entre negros e indígenas, abordando sua cultura e seus costumes. Atividades estas que estão presentes desde o primeiro livro. No caso de exercícios que envolvam a cultura e costumes dos “afro-brasileiros” aparecem raramente nos primeiros livros, o material traz assuntos que ficam à mercê do planejamento e da aplicação do professor para trabalhar com as questões de racismo e homofobia. Ficando a critério do docente.

Esses livros didáticos foram do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) planejados para serem utilizados nos anos de 2019 a 2022, mas a secretaria de educação, do município de Andradina, trocou o material didático pelo material SESI. Fomos então atrás de analisar esse material nos anos de 4º e 5º ano. Esse já trouxe bem mais sobre a história negra e contribuição dela para formação da cultura brasileira.

Este último trouxe também referências de filme e um texto, que conta como era a vida nos navios negreiros e os sentimentos que os negros tinham neste lugar. Além de curiosidade, mostrando que no continente africano existe uma grande diversidade de línguas e dialetos, cultura, paisagem e climas. E palavras que são usadas no nosso dia a dia que são heranças dos povos africanos, como por exemplo, mesa, sapato, queixo dentre outras.

Muitas informações e fotografias foram mostradas no livro, mas nas partes das questões perdem oportunidades de trabalhar de modo reflexivo nos textos, um exemplo é um pequeno excerto que sobre a data 13 de maio retirado do site: Palmares.gov, poderia colocar aqui uma pergunta que levasse a criança a reflexão da importância desta data para o povo negro, qual o contexto que ocorreu isso e o porquê. No entanto, o livro trouxe no lugar a pergunta “qual o outro nome dado a data do dia 13 de maio?”. Apesar disso, considero um material muito bom para se trabalhar essa cultura e história africana no Brasil, visto que o livro *Ápis* não trouxeram muitas informações, considero um avanço a troca de material do município, pois com o atual pode-se aprender e ensinar mais sobre os africanos e indígenas, e suas respectivas culturas.

O material do SESI aponta também alguns dados, esses mostram o abismo social que há entre povos brancos e negros. Segundo os dados a taxa de analfabetismo entre negros é bem maior do que entre brancos, além da renda, esta é 40% menor que a dos brancos.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) os cargos gerenciais são ocupados e representados em 68,6% pelos brancos e 29,9% por pretos e pardos, além da questão de distribuição de renda e condição de moradia, pretos e pardos somam 32,9% da população que vive com menos de seis dólares por dia, e, são 8,8% da população que sobrevive com menos de dois dólares por dia. Contra 15,4 % e 3,6% da população branca. Além de liderar o percentual de analfabetismo, cerca de 9,1% são de pretos ou pardos.

Mas focaremos apenas nos livros *Ápis*. Apesar de ser interessante dos dados que o material SESI trouxe para os alunos, para que eles possam compreender a latente discrepância social do Brasil.

Para construirmos uma identidade racista ou não racista. Cabendo não apenas ao círculo de convivência da criança, os livros didáticos são o contato da criança com o conhecimento empírico, real, o conhecimento científico, eles devem mostrar a realidade de fatos para assim ajudar a construir uma identidade na criança. Não apenas uma identidade não racista, mas também uma identidade que valorize as suas características pessoais, além de valorizar a cultura e a sua história.

É necessário ensinar a cultura e o verdadeiro valor da história da cultura negra no Brasil para as crianças, para construirmos nelas uma identidade real sobre o nosso país. É preciso que elas entendam e compreendam o quão é contraproducente subjetiva e objetivamente a reprodução do racismo velado nos ambientes familiares ou nos livros que deveriam ser didáticos. Os negros (a sua existência), ou qualquer vítima de violência, não podem ser a justificativa dos seus algozes. Para tanto, devemos nos encaminhar para uma igualdade na equidade do tratamento do outro em todos os aspectos, da vida, cultural, social, política, econômica ou religioso etc.

Para que isso aconteça de fato temos que incentivar a busca das crianças pelo verdadeiro conhecimento para que as próprias formem a sua opinião sobre os assuntos. Não podemos deixar a nossa opinião de adultos, pais ou professores falar mais alto a ponto de atrapalhar esse processo de transição da maioridade cognitiva delas.

A educação das crianças do ensino fundamental primeiro ciclo deve ser voltada para aquisição da autonomia e formação de identidade, que veremos mais a frente algumas ideias sobre, para além das práticas reprodutivas das preconceituosas presentes nos contextos formativos. Faz-se necessário que as crianças sejam ensinadas a reconhecer a trajetória dos povos negros e indígenas como elementos fundamentais na luta contra os racismos e seus enfrentamentos sem negligenciamentos.

LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: ESTUDO DE CASO DOS LIVROS DE 4º E 5º ANO

Esta seção foi desenvolvida a partir das questões de como o material dos livros didáticos do 4º e 5º ano reforça as relações racistas incutidas na sociedade dentre outras. Para a base de nossa discussão focaremos nos dois últimos cadernos, afinal são eles que trabalham mais com o tema que desejo. Eles mostraram mais a cultura negra no Brasil. Pode-se dizer que a educação é importante para a emancipação intelectual do homem, e, a emancipação dos pensamentos racistas e preconceituosos ainda presentes neste século.

Como foi pontuado na introdução, o racismo, ainda sim acontece nos dias de hoje em nosso país, mesmo que ele seja conhecido como um país muito acolhedor, mas acolhedor apenas

com os turistas, não com os povos que habitam aqui, muitas mortes de jovens negros acontecem todos os dias; somos um país extremamente racista.

Racismo não é apenas quando se mata um jovem negro ou indígena. Existem variadas formas de racismo pouco “sutil” manifestado nas palavras que usamos na maior parte do dia a dia, palavras quando são associadas ao negro, tem um sentido negativo, magia negra, humor negro, criado mudo, a coisa está preta, ovelha negra, lista negra, mercado negro, serviço de preto e entre outros. Quando usamos essas palavras estamos sendo racistas, mesmo que não percebemos, pois está incutida na sociedade e na criação e devemos mudar isso.

Devemos lembrar aos leitores que racismo não acontece apenas com negros, temos os indígenas que sofrem e sofreram bastante com essa violência. Essas atitudes ainda estão muito presentes na sociedade atual, discutimos sobre a emancipação do pensamento das crianças para que essas ações não aconteçam mais.

Outro ponto que pudemos observar nos materiais didáticos, eles não trabalharam com imagens que mostraram negros em lugares diferentes dos que sempre mostram, foram apresentados como crianças ou quando falamos da escravização que sofreram, mas nunca em lugares de privilégio, lugares de poder, penso que as imagens acabaram reforçando indiretamente que seus espaços são em empregos subalternizados. Enrijecendo a ideia no subconsciente do estudante que os não-brancos têm que estar em cargos inferiores e sem poderes, diferentes dos brancos.

São lugares que ficam pré-determinados e fortalecidos para as crianças que a imagem do negro não se consegue desvincular da imagem da escravização, assim como o indígena sempre é retratado com trajes que eram usados a mais de uma centena de anos atrás, não mostraram sem a caracterização que lhe foi atribuída. Quando exposto fora do retrato habitual, causa um espanto e os estudantes acham que os indígenas estão perdendo a sua “identidade”, mas na realidade é diferente, a questão da identidade e pertencimento deles a sua etnia vai muito além das vestimentas e da tecnologia que usam. Afinal hoje quase todos estão conectados na tecnologia, com eles não seria de outra maneira.

O que quero dizer com isso é que se não for exibida com mais frequência imagens de negros em outros espaços, esse movimento então será um lento processo para que haja de fato a ação de desvincular a imagem deles ao que foi sofrido. Mas não se anula o ponto do qual se é necessário e de suma importância que seja apresentado o processo de escravização desta etnia, que tanto sofreu

pelas mãos dos brancos, porém devemos apresentar da maneira que ocorreu, de maneira que mostrasse o verdadeiro horror que foi vivido por mais de três séculos.

Como disse Adorno (2020), é necessário ensinar sobre a barbárie⁴ para que ela não se repita, é necessário ensinar sobre a escravidão e sobre as coisas terríveis que fizeram com os negros, além de ensinar a sua cultura que é muito importante para a formação da nossa cultura brasileira, para que não se repitam os atos racistas e preconceituosos, é necessário mostrar o que eles passaram para que as nossas crianças entendam e não reproduzam as atitudes racistas dos adultos que as cercam.

Emancipação para Immanuel Kant (1784) se configura na saída do homem da menoridade intelectual e passagem para a maioridade intelectual. O homem que passa por esse processo, deixando de aceitar opiniões e aceitar que a sociedade que imponha a eles. Passando a pensar por conta própria e a fazer ações sem se importar com o que a sociedade vai achar. Para isso então, devemos apresentar a cultura negra e indígena e deixarmos as crianças formularem as suas opiniões baseadas nisso, e não no que os adultos acreditam.

Os livros do quarto e quinto ano, mostraram um pouco da cultura negra e indígena, escravidão. Apesar de trabalhar com essa temática, como pontuado as autoras não se envolvem, não aprofundaram no tema ou mostraram o que acham interessante contar. Além de uma visão branca da história.

Através deles foi possível ver o posicionamento da sociedade sobre esses assuntos. Como não se é muito discutido no livro, passa uma ideia de que a classe dominante não quer e não desejam polêmica com esse assunto do racismo. Para eles é melhor que continuem ensinando desta maneira para que não haja questionamento por meio das “minorias” sobre as atitudes que foram e são tomadas ainda hoje.

Cômodo a eles que a educação não mostre a realidade e nem assuntos polêmicos que pudessem causar um alvoroço na parcela pobre da sociedade. Deste modo o sistema social, gira em torno do que eles querem que sejam passadas as crianças, o tipo de conhecimento que eles

⁴ Aqui Adorno se refere ao holocausto contra o povo judeu. Para este autor, “Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão.” (Adorno, 2020, p.118). Nossa barbárie seria a escravização do povo negro e a dizimação do povo indígena. Não estamos a comparar as violências, mas sim chama-las pelo nome.

desejam que elas possuam e sempre foi voltado para a parte trabalhista, nunca para um conhecimento emancipador.

No quarto livro didático da editora Ápis, eles mostraram a cultura negra, falaram sobre as imigrações forçadas que ocorreram no início da colonização brasileira para com os povos negros trazidos a força do continente africano para serem escravizados aqui, mas apenas isso, eles não mostraram muito a dor e a dificuldade que foram enfrentados por eles. E acabaram reforçando o descaso com a história negra ao não mostrar o real sofrimento, ao apenas tratar assunto de extrema importância de maneira mais profunda, como os alemães fizeram e fazem com o horror de Auschwitz.

É preciso que ambas as classes, dominante e dominada, tomem consciência de quão importante é necessário trabalhar a escravidão, que perdurou por anos e anos no Brasil, para entender os seus reflexos nos dias atuais. Podendo talvez acabar com o problema. Mas para isso acontecer temos que pensar

De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. (Adorno, 2020, p.118)

E quando não trabalhamos com ela a fundo, damos brechas para que isso ocorra novamente como Adorno (2020, P.118), nos mostra:

A reflexão a respeito de como evitar a repetição de Auschwitz é obscura pelo fato de precisarmos nos conscientizar desse elemento desesperador, se não quisermos cair presas da retórica idealista. Mesmo assim é preciso tentar, inclusive porque tanto a estrutura básica da sociedade como os seus membros, responsáveis por termos chegado onde estamos, não mudaram nesses vinte e cinco anos (...) Isto não pode ser minimizado por nenhuma pessoa viva como sendo um fenômeno superficial, como sendo uma aberração no curso da história, que não importa, em face da tendência dominante do progresso, do esclarecimento, do humanismo supostamente crescente

Usando a visão adorniana, a escravização e o racismo que acontece ainda no ano de 2024. E não vai acabar tão cedo, se não mudarmos atitudes que são incutidas pelos donos dos meios de produção. A educação deve mostrar a realidade das classes menos favorecidas, trabalhar com

tópicos polêmicos e importantes para a formação de um cidadão empático e melhor do que somos hoje.

Pensando neste último ponto, os livros didáticos deixaram a desejar, não apenas no conteúdo abordado, mas na forma que abordou o conteúdo. Eles trataram como se não fosse algo tão grande, como foi a escravização dos não-brancos, a forma que foi apresentada leva a pensar que tudo foi resolvido quando assinado a Lei Áurea, que os negros não sofreram mais com a escravização e que hoje em dia está tudo bem com eles. Não expõe que eles sofrem ainda com as consequências do passado de diversas formas diferentes, com a falta de estudos, empregabilidade – quando conseguem empregos são em cargos inferiores aos dos brancos e com insalubridade, não que não existam negros em cargos altos dentro de empresas, mas são bem raros os casos que ocorrem comparando aos brancos- moradia, capital econômico, além das violências verbais e físicas que são obrigados a passar pelo fato do seu tom de pele.

Por esses motivos que este material didático peca, mesmo que não tenha intenção de acabar com o problema do racismo da sociedade. Seria interessante se trabalhasse de maneira que o conteúdo sobre a trajetória negra no Brasil, fosse ricamente mostrado, não precisa ser toda a história, mas pelo menos os tópicos importantes. Mostrar o “lado negro da força”, como diria no filme Star Wars, na visão deles, não na visão dos brancos, expor a dor deles contada por eles próprios e não por terceiros de “raças” diferentes que não vivenciaram e vivenciam essas atitudes.

É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos. Os culpados não são os assassinados, nem mesmo naquele sentido caricato e sofista que ainda hoje seria do agrado de alguns. Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica. Contudo, na medida era que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância. (Adorno, 2020, p.120-121)

Observamos na citação o que estamos tentando explicar desde o começo da dissertação, é necessário ter uma educação que promova a reflexão e a autorreflexão dos atos preconceituosos cometidos pelas parcelas dominantes da sociedade. Precisa ser questionado e um lugar bom para questionarmos isso é na escola, caberia a ela promover uma educação reflexiva aos seus estudantes,

mas como vimos não foi o que aconteceu nos materiais de história que analisamos e não é o que acontece nela, ela esquivava-se de polêmicas em uma tentativa de tornar-se neutra. Acaba por fim reproduzindo as ações da sociedade tornando-se reprodutora dos comportamentos sociais racistas, machistas, homofóbicos, xenofóbicos, entre outros.

Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado. (Adorno, 2020, p. 140-141)

Adorno complementa mais à frente a sua opinião sobre a importância da educação e como ela ocorre:

A importância da educação em relação à realidade muda historicamente. Mas se ocorre o que eu assinalo há pouco — que a realidade se tornou tão poderosa que se impõe desde o início aos homens —, de forma que este processo de adaptação seria realizado hoje de um modo antes automático. A educação por meio da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade teria neste momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação. (Adorno, 2020, p.144)

A educação formal é importante para mostrar que podemos resistir ao que nos é imposto, é dever mostrar como podemos ser fortes se levantarmos a voz e lutarmos contra as violências que a população negra sofre, mas acontece que ela é uma grande aliada ao sistema. Acabando assim perpetuando as atitudes preconceituosas e racistas, que existem na sociedade.

Além dos livros, devemos olhar para os professores e como eles trabalham esse conteúdo, além de suas atitudes e ações que podem influenciar, eles devem fazer uso de sua razão em modo privado, como pensou Immanuel Kant. Se ele for racista, quando está dentro do ambiente escolar não deve externar isso as crianças, deve mostrar a elas que não se deve cometer racismo e outros tipos de violência, jamais deve mostrar que apoia, mesmo que apoie.

A ideia de razão privada e pública vem de Kant (1784). Segundo ele, existem locais e momentos em que se faz necessário ou que somos obrigados a não externalizar as nossas opiniões sobre dados assuntos:

(...) uso privado àquele que alguém pode fazer da sua razão num certo cargo público ou função a ele confiado. Ora, em muitos assuntos que têm a ver com o interesse da comunidade, é necessário um certo mecanismo em virtude do qual alguns membros da comunidade se comportarão de um modo puramente passivo com o propósito de, mediante uma unanimidade artificial, serem orientados pelo governo para fins públicos ou de, pelo menos, serem impedidos de destruir tais fins. Neste caso, não é decerto permitido raciocinar, mas tem de se obedecer. (Kant, 1784, p.3)

Claro que o governo não quer que os professores passem a ideia de que são racistas, para ele os mestres do saber tinham que acompanhar a evolução da educação, que é uma educação para igualdade e que forme um cidadão bem desenvolvido, não apenas no cenário de trabalho, mas social também.

Ao fugir de polêmicas, as autoras, fogem também de dar uma educação que forme cidadãos íntegros na sociedade. Esses assuntos são extremamente presentes no dia a dia da vida social de qualquer pessoa, principalmente as pessoas não-brancas. Se não for na escola onde as crianças aprenderão esses assuntos e que isto é crime, que não devemos fazer racismo e deixar ninguém passar por isso, vai ser ensinado onde? Entendo que a escola tem de ser formadora para a liberdade e autonomia da criança e adolescente como diria Paulo Freire.

Esta é responsável pela educação de todos os indivíduos, ainda que não a única formadora dele, mas é nela que se aprende o necessário para a vida social e pessoal. É nela que formamos pensadores ou reprodutores das ações da sociedade.

Se nela temos o poder de ensinar as crianças a não cometer os mesmos erros que os nossos, porque ainda sim o fazemos? Por não ensinamos a elas pensarem por si próprias, para que ao invés de ser mais uma reprodutora dos modelos cruéis da sociedade, elas não sejam as que transcendam e mudem essas atitudes como o é o caso de racismo.

Se educarmos os pequenos mostrando a realidade da comunidade negra brasileira, além da cultura e a sua importância para a formação da nação brasileira de hoje em dia, se mostrássemos que eles e os indígenas não são bichos e que não devemos tratar eles da mesma maneira.

Segundo Kant (1784), é mais cômodo ao homem permanecer em sua ignorância, mas até quando esta ignorância irá custar vidas negras inocentes, até quando vai custar a liberdade deles, até quando esses tipos de violências continuam acontecendo?

São muitas perguntas e poderíamos solucioná-las ensinando as crianças a pensarem por sua conta própria. Para isso acontecer temos que tornar a escola um lugar que mostre a realidade do que acontece no mundo, que eduquem de maneira a torná-las autônomas.

Mas para a elite que detém o comando não é interessante, para eles é desejável que o povo permaneça em sua ignorância, aceitando o que lhe é imposto sem manifestações, está sendo cômodo a população também pois não precisam se preocupar em opinar sobre nada, mas eles não sabem o mal que fazem a si próprios.

(...) os seus animais domésticos e evitado cuidadosamente que estas criaturas pacíficas ousassem dar um passo para fora da carroça em que as encerraram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça, se tentarem andar sozinhas. Ora, este perigo não é assim tão grande, pois acabariam por aprender muito bem a andar. Só que um tal exemplo intimida e, em geral, gera pavor perante todas as tentativas ulteriores. (Kant, 1784, p. 2)

Nessas palavras Kant (1784), mostra que essa passagem da menoridade para maioridade, ou alcançar a autonomia gera pavor, não apenas na elite que corre o risco de perder seu posto, mas a minoria que tem medo de tentar.

Essa explicação foi necessária, para que compreendam que o racismo foi e é de fato perpetuado na sociedade pela falta de autonomia intelectual das pessoas que a compõem. Por isso, como dito anteriormente, devemos educar as crianças para atingir essa autonomia, fazendo assim uma sociedade menos preconceituosa e tóxica para as pessoas.

Semear preconceitos é muito danoso, porque acabam por se vingar dos que pessoalmente, ou os seus predecessores, foram os seus autores. Por conseguinte, um público só muito lentamente consegue chegar à ilustração. Por meio de uma revolução talvez se possa levar a cabo a queda do despotismo pessoal e da opressão gananciosa ou dominadora, mas nunca uma verdadeira reforma do modo de pensar. Novos preconceitos, justamente como os antigos, servirão de rédeas à grande massa destituída de pensamento. (Kant, 1784, p.2)

Neste trecho de seu texto o autor mostra, o que estamos tentando expor. Muito mais interessante uma população que não aceita as imposições do que uma que apenas abaixa a cabeça e consente a esses atos. Mas sem a autonomia, não se consegue o que proponho. É necessário educar as massas.

E os livros trabalham pouco, para termos uma educação antirracistas, que ensinem a população a prezar por uma educação que seja emancipadora, para que possam desta maneira quebrar o círculo e pensar fora da bolha, para que eles possam olhar e ver que está errado tratar os negros de forma diferente só pelo fator da cor da pele, a quantidade de melanina presente.

Como Immanuel Kant expõe em seu texto é um ato que doí, doí crescer, doí pensar, doí evoluir, mas se não quebrarmos o ciclo, continuaremos aceitando o que é imposto e o que é dito como verdade, por preguiça e medo do desconhecido, medo de sair da zona de conforto.

Zona de conforto esta que nos tornou um país racista e extremamente preconceituoso. Muitos anos já se passaram desde que a escravidão foi abolida, mas a forma de tratamento dos negros não se foi junto com ela. Pensando nisso, a escola pode ajudar, incentivando as crianças a saírem de sua minoridade e buscarem a sua maioria.

Não existe uma receita que se usa para que façam entender quão errado são esses atos, mas a escola deve dar o primeiro passo junto com a família, ensinar os alunos a valorizarem a cultura negra e a identidade para aqueles que não são negros, e para os que são ensinar a ver beleza em sua cultura e enxergar a sua identidade, incentivar as crianças não se prenderem em padrões brancos.

Portanto, este artigo se fez necessário para mostrar talvez um dos motivos que a nossa sociedade ainda tem ações extremamente racistas e preconceituosas para com os negros. Ações essas que deveriam ter acabado junto com a escravidão há 100 anos atrás.

Não se deve julgar ou condenar pela tonalidade da cor da pele, não existe “raça” ou cultura que seja melhor ou pior que a outra. São pensamentos muito antiquados para o século XXI, ideias que já deveríamos ter superado, ideias que deveriam estar enterradas.

Porém a elite dominante é quase a mesma e com os mesmos pensamentos daquela época, retrógrados, pois já evoluímos muito para ainda continuar praticando o racismo. Mas são as opiniões deles que estão prevalecendo, desde sempre.

A escola e os livros didáticos giram em torno do que eles desejam que seja ensinado, informações que eles querem que sejam passadas as crianças, deixando sempre as moldadas aos

seus desejos e ao mercado de trabalho. Afinal, elas não precisam opinar, apenas servir de mão-de-obra, para o sistema.

Não é interessante para eles que eduquem as crianças para a autonomia, mas é o que a escola deveria fazer, ela deveria educar para romper esse ciclo vicioso que é o sistema antiquado que vivemos. É necessário educar para a libertação, já dizia Freire.

Devemos educar as crianças para que elas não reproduzam o pensamento e opiniões dos adultos e da sociedade racista que vivem, devemos educá-las para serem melhores que a geração atual e que tornem a vida dessa parcela da população melhor e menos triste, dolorida.

Mostrar às crianças que é necessário que elas rompam esse ciclo. Que elas possam ter a autonomia de pensarem por si próprias e não reproduzirem atitudes da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda a discussão sobre a abordagem do livro didático ser um auxiliador ou não processo de uma construção de uma identidade racista, se o mesmo ajuda na promoção de uma emancipação como é pensado por Adorno, que fora pensado anteriormente por Kant a saída do homem da tutela da sociedade e adquirindo a emancipação, o mesmo diz que a vida de um homem que fica nesta tutela por escassez de sua coragem e de tomada de decisão para tomar as rédeas de seu destino sem a orientação da sociedade- emancipação esta que poderá talvez ajudar a romper com o ciclo de atitudes racista.

Percebe-se então que os assuntos que são abordados na unidade escolar e nos materiais didáticos são escolhidos pela elite dominante da sociedade, ela decide o que deseja que as crianças aprendam e assim a sua vontade que é uma ordem - pois ela tem poder e ela é poder- passa a ser cumprida no ambiente escolar. Passa-se a moldar as crianças e adolescentes para que sigam os padrões do mercado de trabalho (seres humanos que apenas obedecem às regras que lhes foram impostas, não as questionam e as reproduzem com os demais). Pois eles não precisam de pessoas ativas e autônomas intelectualmente, apenas precisam de indivíduos que sirvam de força braçal para o sistema.

Porque como vemos nas sessões anteriores é mais vantajoso aos dominantes que não haja mudança nessa estrutura autogoverno (emancipação), uma vez que conforme Adorno (2020, p.185), “...A exigência de emancipação (...) repousa na formação da vontade de cada um em particular, [pois,] (...) é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento”.

Notamos que não é bem assim que acabam acontecendo as coisas, pois como citado anteriormente, a elite dominante não deseja que os dominados sirvam ao seu próprio entendimento, fazendo então a sociedade ficar nos mesmos moldes e nos mesmos pensamentos e não evoluindo.

Quando analisamos os livros Ápis vemos que este material não desenvolve os pontos necessários para que efetivamente aborde a situação atual dos negros no nosso país. É um material que não atinge as expectativas que se é desenvolvida durante a pesquisa, qual um material que aborde de maneira mais atual o que os negros sofrem todos os dias, não apenas relembando o passado, pois para mudar o pensamento temos que entender o passado e olhar o presente.

Não podemos apenas ficar focados no passado tentando entende-lo, porquê o presente continua sendo construído e continua afetando milhares de vidas que poderiam ser modificadas, se houvessem mudanças atuais.

E essa sociedade acaba por limitar e restringir o negro de ter acesso a muitos lugares e bens produzidos pelos mesmos, por causa da cor de sua pele, sendo essa uma atitude racista muito comum que presenciamos nos dias atuais e recorrente há anos. A mesma já está enraizada a sociedade e afeta diretamente na forma de relacionar das pessoas umas com as outras e muitas vezes essa atitude esta disfarçada ou mesmo vem de maneiras “sútil”, “O raciocínio racista, quando formulado de forma cordial, com sorrisos simpáticos, torna-se particularmente perigoso, pois domestica a rebeldia, amansa a indignação e enraíza ainda mais essa mentalidade no espírito coletivo” (Silva e Mwewa, 2022, p. 39).

Os professores necessitam de uma formação que seja ampla e que aborde assuntos de etnias, afinal são os professores que irão trabalhar com este material didático e que irão montar aulas e planos para que o assunto seja trabalhado. Por isso é importante que eles recebam uma formação adequada que ajuda a trabalhar com, para eles possam auxiliar no processo formativo de

pensamento crítico na criança sobre os atos preconceituosos e racistas. Para dirimir tais atos pode-se considerar a utilização no processo formativo os materiais educacionais digitais, assim como preconizam Dayane da Silva Rodrigues de Souza, Bruno César Dias de Albuquerque e Zélia Maria Soares Jófili (2017, p.133).

Se os/as professores/as não têm a formação necessária como então vão trabalhar a cultura afro-brasileira e indígena? Ele será formador também e ele deve ter um preparo bom para saber como lidar e trabalhar, para que possa promover a criança uma boa educação e respeito as identidades dos colegas. Tornando a escola um lugar acolhedor e não um local que promova atitudes violentas e racistas. Pois se os/as professores/as não possuem conhecimento da história e cultura dos negros, como os/as mesmos/as poderiam dar uma aula? como ele/ela poderiam lidar com a questão do racismo quando acontecer em sala de aula? E como ele/ela pode ajudar a romper com este ciclo?

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. In: **Educação e Emancipação**. Tradução de: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2020, p. 129-150.

ADORNO, Theodor. Educação e emancipação. In: **Educação e Emancipação**. Tradução de: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2020.

BRASIL, **Lei nº 10639**, de 9 de janeiro de 2003. Brasília: Palácio do Planalto. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 16 out. 2022.

BRASIL, **Lei nº 11645**, de 10 de março 2008. Brasília: Palácio do Planalto. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11645.htm>. Acesso em: 29 nov. 2022.

CARVALHO, Fernanda Calazans. Formação de professores nas relações étnicas-raciais. **ANais EduForP-In/ISSN 2763-9185**. P. 38-43.

CHARLIER, Anna Maria; SIMIELLI, Maria Elena. **Ápis história, 1º ano** : ensino fundamental, anos iniciais. 2 ed. São Paulo: Ática, 2017.

CHARLIER, Anna Maria; SIMIELLI, Maria Elena. **Ápis história, 2º ano** : ensino fundamental, anos iniciais. 2 ed. São Paulo: Ática, 2017.

CHARLIER, Anna Maria; SIMIELLI, Maria Elena. **Ápis história, 3º ano** : ensino fundamental, anos iniciais. 2 ed. São Paulo: Ática, 2017.

CHARLIER, Anna Maria; SIMIELLI, Maria Elena. **Ápis história, 4º ano** : ensino fundamental, anos iniciais. 2 ed. São Paulo: Ática, 2017.

CHARLIER, Anna Maria; SIMIELLI, Maria Elena. **Ápis história, 5º ano** : ensino fundamental, anos iniciais. 2 ed. São Paulo: Ática, 2017.

HAGGE, Wandyr. Livros de areia: em busca de uma chave hermenêutica para a historiografia do design. **Cadernos Cajuína**, V. 5, N. 2, 2020, p. 96-114. ISSN: 2448-0916

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. 2019. Disponível em < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf > acesso em: 2 de julho de 2021.

KANT, Immanuel. **O que é iluminismo?** Tradução Artur Morão. Disponível em: < www.marxists.org/portugues/kant/1784/mes/resposta.htm > Acesso em: 2 de julho de 2021.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, v. 68, p. 45-57, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira)**. UFF, Rio de Janeiro, n.5, p. 15-34, 2004.

MWEWA, Christian Muleka; VAZ, Alexandre Fernandez . Corpos, cultura, paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n.2, p. 45-58, 2006.

MWEWA, C. M; SILVA, A. S. Notas de um pensamento da circulação e da travessia em Achille Mbembe. **TRANS/FORM/AÇÃO**. UNESP: MARÍLIA, v. 45, p. 33-50, 2022.

SOUZA, Dayane da Silva Rodrigues de; ALBUQUERQUE, Bruno César Dias de e JÓFILI, Zélia Maria Soares. Materiais educacionais digitais: uma análise sob a perspectiva dos tutores na EAD. **Cadernos Cajuína**, V. 3, N. 2, 2017, p.132 - 149. ISSN: 2448-0916